

## PERFORMANCE EM REDES SOCIAIS: UMA ANÁLISE DO FACEBOOK DO CIBERPAJÉ EDGAR FRANCO

Ademir Luiz da Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** Esse artigo pretende analisar o conteúdo do perfil no Facebook do multiartista Edgar Franco, conhecido, entre outras atividades, como quadrinista, artista plástico, ilustrador, músico e performer. Acreditamos que Edgar Franco, que assumiu a persona de Ciberpajé, expandiu sua atividade artística para as redes sociais, transformando os mecanismos normalmente oferecidos aos usuários do Facebook em plataformas para ações performáticas que variam de forma e conteúdo, podendo ser aforismos, ilustrações, fotos e vídeos. Sempre com forte conteúdo iconoclasta, essas ações performáticas dialogam amplamente com o universo ficcional criado pelo Ciberpajé, a Aurora Pós-humana.

**Palavras-Chave:** Performance, Rede Social, Ciberpajé, arte

**Abstract:** This article intends to analyze the content of the profile on Facebook of the multi - artist Edgar Franco, notorious, among other activities, as a comic artist, plastic artist, illustrator, musician and performer. We consider that Edgar Franco, who assumed the persona of Ciberpajé, expanded his artistic activity to social networks, transforming the mechanisms normally offered to Facebook users into platforms for performing actions that diversify in form and content, such as aphorisms, illustrations, photos and videos. Always with strong iconoclastic content, these performance actions broadly dialogue with the fictional universe created by Ciberpajé, the Post-Human Down.

**Keywords:** Performance, Social Network, Ciberpajé, art

Um célebre provérbio português, algumas vezes atribuído ao mestre renascentista Leonardo da Vinci, afirma que “os olhos são o espelho da alma”. O mundo contemporâneo, talvez motivado pela difusão dos óculos escuros e lentes de contato, transferiu tal

---

<sup>1</sup> Doutor em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e professor na Universidade Estadual de Goiás (UEG), nos cursos de História e Arquitetura & Urbanismo. Docente do programa de pós-graduação interdisciplinar Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (TECCER). Realizou pós-doutorado em Poéticas Visuais e Processos de Criação pela FAV/UFG, com supervisão do professor Edgar Franco. Endereço profissional: Câmpus Anápolis de Ciências Sócio-econômicas e Humanas. Avenida Juscelino Kubistchek, 146, bairro Jundiá. Artigo viabilizado pela Pró-reitoria de Pesquisa da Universidade Estadual de Goiás e pela Bolsa de Incentivo a Pesquisa (BIP) da instituição. Correio eletrônico: [alsconclave@gmail.com](mailto:alsconclave@gmail.com)

responsabilidade para os perfis dos indivíduos nas redes sociais. Hoje, “o Twitter de uma pessoa resume sua alma em 140 (ou 280) caracteres”, ou “o Instagram de um indivíduo retrata sua alma” e, principalmente, “o Facebook de um cara é a sua cara”. De fato, por um perfil de rede social se conhece os hábitos, costumes, amigos, inimigos, nível de alfabetização, idiossincrasias, ocupações profissionais, nível econômico, hobbies, habilidades, preferências sexuais, espiritualidade ou ausência de espiritualidade, posição política ou apolítica de uma pessoa. Se uma rede social não é o espelho da alma, pelo menos é o seu reflexo. Ou, mal comparando, cada perfil em rede social é um retrato de Dorian Gray em potencial.

A multimídia interativa com suporte digital, por exemplo, apresenta explicitamente a questão do fim do logocentrismo, da destituição de certa supremacia do discurso sobre os outros modos de comunicação. É provável que a linguagem humana tenha aparecido simultaneamente sob diversas formas: oral, gestual, musical, icônica, plástica, cada expressão singular ativando esta ou aquela zona de um *continuum* semiótico, repercutindo de uma língua a outra, de um sentido a outro, seguindo rizomas de significação, atingindo tanto mais as potências do espírito por atravessar os corpos e os afetos (Levy, 2015. p. 103).

As redes sociais se tornaram referências cotidianas. Não são mais novidades. São o principal meio de reconhecimento do homem público do século XXI.

O homem público como ator: a imagem, embora evocadora, é incompleta, uma vez que por detrás dela, conferindo-lhe substância, há uma ideia mais fundamental: trata-se do conceito de expressão como apresentação de emoções. A partir deste, chega-se à identidade do ator. O ator público é o homem que apresenta emoções (Sennett, 2014. p. 161).

Tal difusão das redes sociais é um importante ponto de interrogação no tocante a compreender o mundo atual. “À medida que as comunidades on-line crescerem em importância, mais elas se transformarão em polos de opinião” (Gates, 1995. p. 263). E é exatamente por isso que a rede social, enquanto símbolo pós-moderno, não deve ser previamente demonizado, mas sim compreendido em seu contexto. Essa potencialização do significado imediato das redes sociais não é necessariamente negativa ou positiva, tal julgamento de valor vai depender do uso que o indivíduo faz da ferramenta. Afinal, mesmo

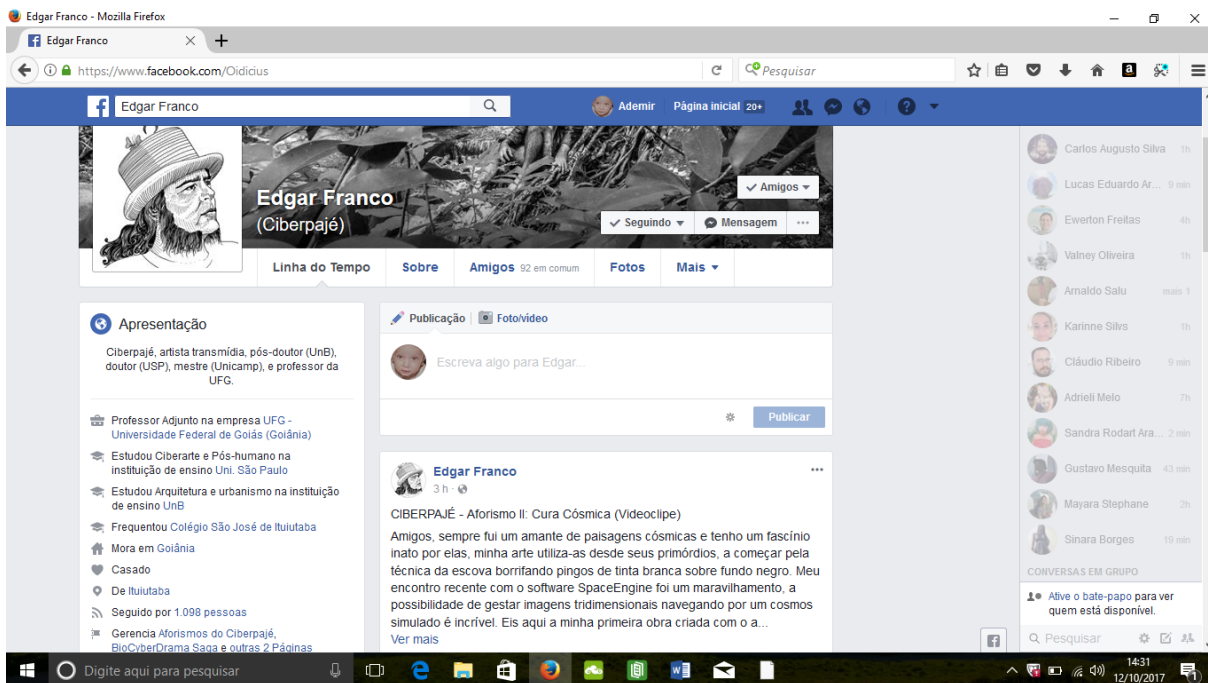
o citado retrato de Dorian Gray original não era um objeto de mal agouro em si, ele apenas recolhia o resultado dos atos de seu retratado. Assim como as máquinas, que apenas geram os algoritmos invisíveis que constituem a corpo visível das redes sociais. “O homem soube inventar máquinas que trabalham, deslocam-se, pensam melhor do que ele, ou em lugar dele. Nunca inventou uma que pudesse gozar ou sofrer em seu lugar. Nem mesmo que possa jogar melhor do que ele. Talvez isso explique a profunda melancolia dos computadores” (Baudrillard, 2011. p. 122).

Portanto, um perfil em rede social é tão interessante ou deletério quanto seu dono, que o constrói a partir de ferramentas disponíveis para todos, mas dos quais só alguns conseguem extrair todo seu potencial. E quem melhor para explorar o potencial desse “retrato” do que os artistas. Afinal,

os artistas que exploram essas vias poderiam ser os pesquisadores da nova arquitetura do ciberespaço, que será sem dúvida uma das principais artes do século XXI. Os novos arquitetos podem ser tanto pessoas provenientes de meios tradicionais da arte como engenheiros, criadores de redes ou interfaces (Lévy, 2015. p. 107).

Nesse sentido, meu objetivo nesse artigo é analisar aspectos do “Retrato de Edgar Franco”, exposto publicamente em seu perfil do Facebook. Sendo ele um artista que explora as possibilidades do mundo virtual em sua obra, nada seria mais natural. “Tudo o que é produzido por meio da máquina é máquina. Textos, imagens, filmes, discursos, programas saídos do computador são produtos maquínicos” (Baudrillard, 2011. p. 131). Na arte de Edgar Franco a máquina se humanizou? O homem se tornou máquina? Em vista disso, desses questionamentos, minha pergunta norteadora é: qual face o multiartista Edgar Franco, renascido como Ciberpajé, exhibe em seu “Face”?

Figura 1: Abertura do perfil no Facebook de Edgar Franco



Fonte: <https://www.facebook.com/Oidicius>. Acesso: 12 de outubro de 2017

A página de abertura de um perfil no Facebook é seu cartão de visitas. Nela até mesmo o mais alienado indivíduo pode almejar ter voz e personalidade. “O advento da internet permitiu esquecer ou encobrir o vazio, e, portanto, reduzir seu efeito deletério” (Bauman, 2011, p. 15). O que nem sempre se revela bem-sucedido, claro.

Sejamos realistas: os impactos das novas tecnologias de comunicação são como os feitos da economia liderada pelos bancos, em que os ganhos tendem a ser privatizados, e as perdas socializadas. Em ambos os casos, os “danos colaterais” tendem a ser desproporcionalmente maiores, mais profundos e insidiosos que os eventuais e raros benefícios (Bauman, 2011, p. 28).

Edgar Franco se encaixa no segundo grupo, colhendo benefícios transcendentais neste vasto universo de exploração comercial que se tornou o ciberespaço dominado pelo Facebook enquanto empresa. A Figura 1 mostra um *print* da entrada de seu perfil. Encontramos ali alguns de seus dados pessoais e profissionais. Para não ser redundante, eximo-me de reproduzi-los em texto, mas chamo atenção para dois detalhes: o primeiro se refere à foto do perfil. Trata-se de um desenho. Nas palavras de Edgar Franco: “16 anos

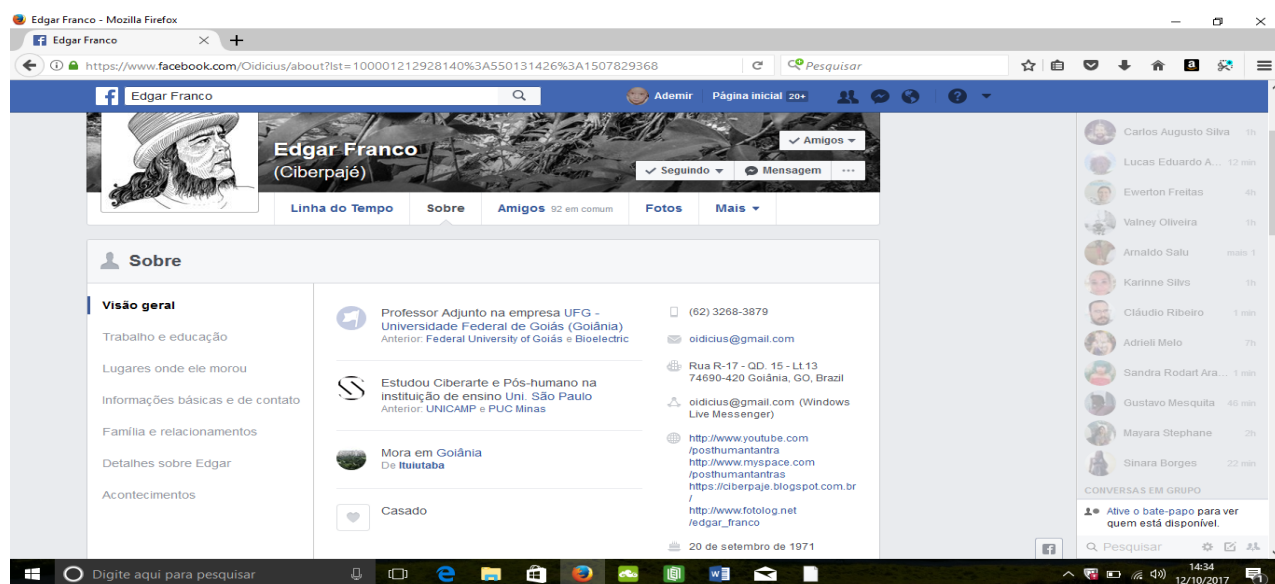
depois fiz um novo autorretrato a pedido de um editor. Essa é a primeira vez que me desenho como Ciberpajé”. Esse aspecto por si só já estabelece o caráter artístico do perfil, e de modo mais aprofundado, um caráter de autorrepresentação e ultrarrepresentação, pois é uma ilustração de seu etos revivido, o Ciberpajé. Não se trata apenas de Edgar Franco, pessoa física, mas de Edgar Franco enquanto figura simbólica. Não por acaso, o perfil é nominado como sendo de “Edgar Franco” e logo abaixo, entre parênteses, “Ciberpajé”. Pergunto-me se não deveria ser o contrário: Ciberpajé em primeiro lugar e entre parênteses Edgar Franco?

O segundo detalhe lança luz sobre essa questão. Encontra-se no canto esquerdo inferior da imagem, no ponto indicando os elementos de gerência do perfil. Vemos dois em destaque: os “Aforismos do Ciberpajé” e “*BioCyberDrama*”. O primeiro se trata de uma página onde Edgar Franco posta seus aforismos, representações escritas de sua filosofia de vida. Textos sempre desafiadores, de natureza iconoclasta. O segundo é uma página de divulgação do romance gráfico que realizou à quatro mãos com o célebre ilustrador Mozart Couto. Nesse trabalho encontra-se a mais longa narrativa acerca do universo ficcional construído por Franco. Exemplos de representações deste universo ficcional espalham-se por todo perfil, dos álbuns fotográficos até a linha do tempo; fazendo do perfil uma espécie de janela onde o universo paralelo criado por Franco tocasse o nosso, estando prestes a invadi-lo.

Na Figura 2 encontramos um *print* da página designada pelo Facebook como “sobre” o dono do perfil. Novamente, por conta do espaço e da redundância, não vou reproduzir em texto todos seus elementos, mas sim chamar atenção para novo detalhe. No canto inferior direito temos a indicação da data de nascimento do dono do perfil: 20 de setembro de 1971. Um dos elementos mais interessante acerca da figura pública de Edgar Franco se refere a seu renascimento como Ciberpajé, evento resultante de um longo e complexo ritual artístico e simbólico, estabelecido a partir de dez chaves, ocorrida em seu aniversário de quarenta anos, no dia 20 de setembro de 2011. A partir desse dia, Edgar Franco reconstruiu sua persona e psiquê de modo a tornar-se um ser integral, mistura de saberes tradicionais (pajé) e contemporâneos (ciber). Trata-se de uma dinâmica viva, que

se desdobra e se amalgama entre a criação artística e a existência cotidiana. A vida como arte e a arte como vida. Uma arte sempre desafiadora do *status quo* social, religioso, acadêmico e mesmo dos parâmetros do que se considera arte. “A arte de Edgar Franco é uma arte em processo, em permanente mutação. É justamente esse o seu princípio criativo, a quebra dos paradigmas, dogmas e preconceitos” (Santos Neto, 2012. p. 9).

Figura 2: Página de dados “Sobre” Edgar Franco no Facebook.



Fonte: <https://www.facebook.com/Oidicius/about?lst=100001212928140%3A550131426%3A1507829368>

Acesso 12 de outubro de 2017

Em vista disto, a pergunta que fica é: a data de aniversário indicada, sendo dia 20 de setembro de 1971 e não 20 de setembro de 2011, sugere que o perfil é de Edgar Franco e não do Ciberpajé revivido, ou se trata de uma forma do artista burlar o Facebook, uma vez que se indicasse a segunda data teria, teoricamente, apenas seis anos de idade, o que poderia restringir o algoritmo de seu perfil, ou mesmo invalidá-lo para o sistema? Identidade transferida ou burla anarquista das regras do sistema redutor do Facebook? Seja qual for a resposta, estamos diante de uma performance. “É talvez quando as imagens são mais intensamente contraditórias que elas são mais autenticamente sintomáticas” (Didi-Huberman, 2013. p. 336). Acredito que Edgar Franco, travestido e renascido como o

Ciberpajé, usa as ferramentas tradicionalmente oferecidas para os usuários comuns do Facebook para fazer performances digitais em sua rede social.

A performance surgiu nos anos 1960 como desafio à pintura. O que quer que fosse, não era algo para pendurar na parede. É uma forma de arte em que o meio é o corpo. No caso de Marina, ela usava o corpo humano para fazer declarações à vezes bem violentas, às vezes provocantes. Ela está desafiando de forma direta e ousada o público (Artista Está Presente, A. 2012. 00:11:43).

Como veremos, o Facebook de Edgar Franco é uma inesgotável cornucópia de críticas sociais e artísticas de caráter iconoclasta; além de abrigar as mais diferentes formas de atuações artísticas, que podem ir do desenho à mão livre ao canto, do texto escrito à foto artística. As possibilidades são infinitas. “Não existe limites para a forma e o conteúdo desses experimentos de linguagem que rompam com a tradição” (Franco, 2017. p. 91). Nesse sentido, sendo um multi-artista, como aparece descrito na Figura 1, seria natural que Edgar Franco utilizasse o Facebook como meio de criação e não apenas como instrumento de presença meramente personalista no ciberespaço.

Ciberespaço: palavra de origem americana, empregada pela primeira vez pelo autor de ficção científica William Gibson, em 1984, no romance *Neuromancien*. O ciberespaço designa ali o universo de redes digitais como lugar de encontros e de aventuras, terreno de conflitos mundiais, nova fronteira econômica e cultural. Existe no mundo, hoje, um fervilhar de correntes literárias, musicais, artísticas, quando não políticas, que falam em nome da “cibercultura”. O ciberespaço designa menos os novos suportes de informação do que os modos originais de criação, de navegação no conhecimento e de relação social por eles propiciados (Lévy, 2015. p. 102).

Seu ciberespaço é esse mais amplo, no sentido de que não designa apenas o elemento on-line que se utiliza no cotidiano, mas é fundamental no sentido último de compreensão de sua obra artística. De uma página isolada do *BioCyberDrama* até um breve aforismo postado, tudo se conecta como parte integrante de uma só proposta estética.

E justamente essa amplitude do objeto foi minha primeira preocupação ao compor o escopo temático desse artigo. Recebi o convite para escrevê-lo no dia 20 de junho de 2017. Quase que de imediato pensei no tema que iria abordar: a análise do Facebook do artista.

Porém, precisava estabelecer um corte temático e cronológico que fosse coerente e, ao mesmo tempo, representativo, uma vez que seria impossível analisar a totalidade dos posts. Um post de Edgar Franco do dia 13 de setembro de 2017, que designo como Imagem 3, deu-me a solução.

Imagem 3: Foto de Edgar Franco com Ademir Luiz. Por Luiz Fers. Postado dia 13 de setembro de 2017.



Fonte:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10155528592781427&set=a.214581541426.175571.550131426&type=3&theater> acesso: 12 de outubro de 2017

A imagem possui como legenda o seguinte texto de Edgar Franco: “Eu com o grande Ademir Luiz, no lançamento de meu SketchBook no SESC-Goiânia. Ademir é uma das mentes mais sagazes e brilhantes que conheço, um grande artista, admirável intelectual e incrível figura humana! Celebro sua amizade sempre!”



Para celebrar a amizade em conluio, colocando-me como representante dos atuais 4.462 amigos de Edgar Franco, adotei essa data como ponto de partida de minha análise. Nos dias seguintes fiquei atento aos novos posts, anotando-os para futura referência sempre que considerava que poderia incluí-los no texto final do artigo. Isso até o dia 12 de outubro de 2017, quando fiz a seleção final dos posts. Não por acaso o Dia das Crianças, uma vez que o Ciberpajé conta com seis anos de existência “prática” (ou seria “teórica”?), e ao mesmo tempo com séculos de conhecimento tradicional acumulados e disponibilizado via meios cibernéticos. Nossas crianças contemporâneas já nascem conectadas, e, portanto, suas mentes fazem parte da consciência universal a um clic de distância. São inocentes, puras e sábias ao mesmo tempo, guiados pela intuição e com sede de aprendizado: como o Ciberpajé. Difícil enquadrar tal perspectiva artística. “Os livros de história da arte, porém, sabem nos dar a impressão de um objeto verdadeiramente apreendido e reconhecido em todas as suas faces, como um passado elucidado sem resto. Tudo ali parece visível, discernido. Sai o princípio da incerteza” (Didi-Huberman, 2013. p. 11). Mas, na arte de Edgar Franco não há espaço para padrões preestabelecidos. O que pode ser percebido na Imagem 4, onde o Ciberpajé se define como um lobo, uma criatura natural que, embora seja considerada perigosa, é movida unicamente pelos instintos naturais, sendo incapaz de maldades deliberadas.

Imagem 4: Foto de Edgar Franco, por Daniel Rizoto, em técnica de *Light Painting*. Postada dia 15 de setembro de 2017



Fonte:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10155534609501427&set=a.214581541426.175571.550131426&type=3&theater> Acesso dia 12 de outubro de 2017

Para se realizar conscientemente atos moralmente condenáveis é preciso o intelecto frio do chamado “ser civilizado”. E não existe maior representação desse sentimento de civilidade do que o conhecimento acadêmico. Uma das demandas mais recorrentes do discurso de Edgar Franco é sua crítica ao conhecimento acadêmico / científico, sacralizado como único e definitivo, que renega a vida prática e a mística da experiência cotidiana. Aqui essa crítica se deu por meio de uma imagem. É perceptível que “desde o momento em que estamos diante da tela não percebemos o texto enquanto texto, mas como imagem” (Baudrillard, 2011. p. 130). É o que ocorre aqui: imagem se torna texto e texto sublinha a imagem, de modo a constituir uma ideia crítica. Mas “o que é uma imagem crítica? (...) Há de fato uma estrutura em obra nas imagens dialéticas, mas ela não produz formas bem-

formadas, estáveis ou regulares: produz formas em formação, transformações, portanto efeitos de perpétuas deformações” (Didi-Huberman, 2010. p. 173). Exatamente como a sugestão de multiplicidade e, ao mesmo tempo, movimento sugerida pela sobreposição de diferentes fotos do Ciberpajé. Ele é legião porque contém muitos em si, mas também é único, contendo múltiplos signos de interpretação para sua obra. O um e os vários convivendo. Uma alcateia de um só lobo solitário.

Nessa imagem Edgar Franco torna-se ele mesmo uma criatura no banquete de Platão, para usar uma descrição clássica de seu trabalho. “Estamos num ponto cruzado que procura ler a imagem através do texto verbal e, ao mesmo tempo, lê o texto verbal construindo imagens (...) As imagens de Eros no Banquete (de Platão) e de Eros nas criaturas de Edgar exibem uma atraente conversão entre imagens de texto transfiguradas em desenhos” (Carvalho, 2012, p. 13). Em se tratando de texto verbal, no dia 16 de setembro, Edgar Franco postou uma longa reflexão sobre o tema sugerido na imagem anterior, que sobrepõe instinto e lógica acadêmica.

"Sem a prática a teoria é somente ficção!"

Eu acredito que o mundo ocidental foi contaminado por uma verborragia sem fim, a linguagem escrita evoluiu de maneira sórdida por esses lados do globo, pois numa certa medida ela tornou-se mais importante do que aquilo que tenta representar ou explicar! Muitas vezes tratados acadêmicos que se propõem a analisar um fenômeno, engolem o fenômeno, ou melhor, passam a ter mais importância do que o fenômeno no contexto da cultura. Outro exemplo contundente são as religiões preponderantes no ocidente, no princípio a religião era a busca da transcendência; busca por outros níveis de consciência, o ritual tinha o papel de criar essas conexões, como ainda tem em algumas práticas do oriente – a meditação é um bom exemplo. Mas por aqui a religião tornou-se mais um dos universos da verborragia estanque.

A filosofia oriental é a da ação, a filosofia ocidental a dos tratados verborrágicos. A coisa é tão ridícula que um diretor de uma faculdade de filosofia de uma grande universidade brasileira, meu conhecido, disse-me que tudo que já podia ser escrito sobre o homem já foi escrito pelos grandes filósofos e agora o papel da universidade é analisar esses discursos! Isso é deprimente, dezenas de teóricos engessados que passam anos de sua vida interpretando, como engajados hermetistas, o que outros disseram sobre o homem e a vida e com isso esquecem de viver, ou seja, de terem suas próprias vidas e chegarem às suas conclusões sobre o que é o viver. Com isso vamos vivendo a vida dos outros!

Num contexto como o do Brasil, uma cultura que sofre com esse estigma da colonização, eu vejo centenas de acadêmicos engomadinhos que repetem os discursos importados, principalmente da Europa, e não conseguem produzir seu próprio pensamento. Precisam de muletas pra viver, usam as palavras e conceitos

dos pensadores da moda e ou os clássicos pra esconderem sua mediocridade, sua falta de coragem pra experienciar a vida e pra chegar às suas próprias conclusões sobre o mundo. São os chamados “papagaios de pirata”, vão repetir as ideias alheias e morrerem vazios! Eu não digo que devemos nos isolar, de forma alguma, temos que nos contaminar de todas as reflexões, conhecermos o que pensam nossos pares pelo mundo afora, mas daí a ficar replicando a experiência dos outros, isso não!

Eu me dou o direito de VIVER, me dou o direito de ter minhas próprias ideias sobre o mundo e a vida, podem não ser as melhores, mais requintadas, ou na moda, mas são minhas ideias! A EXPERIÊNCIA sobrepuja sempre para mim a TEORIA! Por isso se alguém que teoriza sobre um assunto não tem experiência prática não me interessa! Teóricos da fotografia que não fotografam? Críticos literários que nunca escreveram um poema? Filósofos que se dedicam a analisar a obra dos outros? Para mim isso é verborragia, nada de verdadeiramente transformador pode nascer da simples metodologização, não tenho tempo a perder com isso! Pra você conhecer todo e qualquer fenômeno você precisa experienciá-lo, pois todo o resto será PURA FICÇÃO! Então, pra mim o ato criador está sempre em primeiro lugar, pois ele é a vivência completa daquela forma de expressão, toda a minha produção como teórico nasce do ato criativo, são indissociáveis a criação e a teorização. Eu vejo que a falta de experiência e o mergulho das pessoas na teoria pura as embrutece, produz dogmas, as entristece, as enfeia, por isso os acadêmicos, principalmente os das ciências humanas, amam as teorias mais desesperançosas e nihilistas, elas refletem o vazio de suas vidas, vidas não vividas. (Ciberpajé)

Leia as Crônicas do Ciberpajé publicadas no blog A Crônica Tijuicana no link: <http://cronicatijucana.blogspot.com.br/.../lab.../Edgar%20Franco>

Em um trecho do texto Edgar Franco ironiza os “críticos literários que nunca escreveram um poema”. Provando que não pertence a essa categoria, dois dias depois, em 18 de setembro, posta uma imagem, o banner de divulgação de um evento literário baiano.

Figura 5: postagem na página de Edgar Franco. Dia 18 de setembro de 2017

## Doce Poesia Doce

### O SABOR DO AGORA

Coração ecoando até  
[as crateras da lua.  
Cada dia uma nova história  
feita pelo sabor do agora.  
Cada noite uma chance tenra  
[de tingir o mundo com minha luz.



### Ciberpajé

APOIO



REALIZAÇÃO

Fonte:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10155543064466427&set=a.214581541426.175571.550131426&type=3&theater> acesso: 12 de outubro de 2017

A imagem conta com a seguinte legenda: “Poema do Ciberpajé no projeto ‘Doce Poesia Doce’, em Salvador. Amigos, esse meu poema foi selecionado para integrar o projeto ‘Doce Poesia Doce’ que distribuirá mais de 10 mil poesias na cidade de Salvador (BA). Os idealizadores dos projetos, o escritor e músico Fabio Shiva e a fotógrafa Fabíola Campos, buscam sensibilizar as pessoas para o poder da Poesia de trazer doçura e beleza, para a vida, gerando transformações positivas [...]. Principalmente neste momento em que vivemos no Brasil, quando somos diariamente brutalizados pela violência urbana e pela ganância dos poderosos, a Poesia surge como possibilidade de transcendência”.

Trata-se de uma guinada discursiva, no sentido de que apregoa a “doçura”, entendida como lirismo ético e poético, como meio de vivenciar a massacrante experiência urbana. Um tipo de combate pela não-violência ao modo de Gandhi. O recusar do instinto violento, tornando-se generalizado, abafaria a violência simbólica do estado (os políticos gananciosos) e a violência fática (violência urbana) mediante a experiência do transcendente. Um povo, uma comunidade, uma nação, estando sensibilizada pela poesia doce, pelo doce da poesia, negaria sobrevida aos elementos negativos. Alcançaria a luz.

Vide o nascer do sol na foto da Figura 5 e a referência à “minha luz” no texto poético. Nesse cenário, o Ciberpajé atua como um arauto da nova realidade, da “nova história” descrita nos versos. Esse “tingir o mundo com minha luz” ganha contornos de possibilidade messiânica. Possibilidade, jamais promessa. O Ciberpajé, desinteressado em ser mestre, líder ou messias de quem quer que seja, apenas deixa a trilha do caminho “doce” e poético que trilhou. Não aponta direções, apenas dá-se como exemplo vivo. Cabe ao leitor da poesia abraçar ou não esse Evangelho de seis versos.

No dia 20 de setembro foi seu aniversário. Tanto de nascimento quanto de renascimento. No dia 21, Edgar Franco postou: “Ontem recebi muitas mensagens incríveis de felicitação pelo meu aniversário de renascimento! Minha gratidão eterna a todos que me enviaram suas boas energias. Estamos juntos nessa caminhada astral, experienciando essa mesma era, somos todos irmãos de jornada! Recebam o abraço afetuoso do Ciberpajé, e que o Universo nos dê equilíbrio e serenidade para usufruirmos com intensidade e amorosidade essa mágica experiência Cósmica chamada VIDA! (Ciberpajé)”. Notem que apenas o aniversário de renascimento é citado nos agradecimentos, a despeito da data “oficial” no Facebook referir-se a seu nascimento oficial, civil, burocraticamente catalogado como sendo em 1971.

Certamente, é um jogo de espelhos proposto por Edgar Franco, pois “o principal atrativo do mundo virtual é a ausência de contradições e objetivos conflitantes que rondam a vida off-line. O mundo on-line, por outro lado, cria uma multiplicação infinita de possibilidades de contatos plausíveis e factíveis” (Bauman, 2011. p. 23). No Dia 25 de setembro, Edgar Franco postou uma foto registrando o final de uma palestra na PUC – GO, realizando com os alunos sua tradicional “Pose Acadêmica”, que consiste em desafiar a lente da câmera fotográfica / celular com gestos e expressões agressivas, ironizando o comportamento discreto, respeitoso e um tanto asséptico que normalmente se espera de palestrantes e pesquisadores acadêmicos. Trata-se, nesse caso, de atuação deliberada, performance compartilhada, pois “o homem público possui uma identidade enquanto ator – um em-ator, se quiserem -, e essa identidade o envolve e envolve outros num laço social”

(Sennett, 2014. p. 163). Nesse caso, os participantes da palestra abraçaram a causa e uniram-se na performance crítica ao *status quo* acadêmico.

Figura 6: Pose acadêmica, 25 de setembro de 2017



Fonte

: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10155564679161427&set=pb.550131426.-2207520000.1507828873.&type=3&theater> acesso 10 de outubro de 2017

A imagem foi acompanhada da seguinte legenda: “A pose acadêmica de hoje! Foi logo após minha palestra no programa de mestrado em letras da PUC-Goiás, a convite dos professores Gilson Vedoin e Maria Aparecida Rodrigues. Um grupo interessado que mergulhou comigo nos abismos da hipertecnologia e do pós-humano! Gratidão pelo convite, grande Gilson Vedoin e espero logo levar o Posthuman Tantra para performar aí!”

Mais do que mero desafio irrefletido, a “Pose Acadêmica” apregoa que não é necessário ser pomposo para ser sério. Aqui a ironia se sobrepõe a simulação de seriedade que se revela estéril.

A passagem dos signos que dissimulam alguma coisa aos signos que dissimulam que não há nada, marca a viragem decisiva. Os primeiros referem-se a uma teologia da verdade e do segredo (de que faz ainda parte a ideologia). Os segundos inauguram a era dos simulacros e da simulação, onde já não existe Deus para reconhecer os seus, onde já não existe Juízo Final para separar o falso do verdadeiro, o real da sua ressurreição artificial, pois tudo está já antecipadamente morto e ressuscitado (Baudrillard, s/d. p. 14).

Prova disso é a postura ao mesmo tempo afetiva e generosa com que Edgar Franco se dispõe a comentar obras de outros artistas, seja do circuito *underground* ou da indústria *mainstream*, quando o referido criador se mostra capaz de escapar das arramas da regra do mercado e entrega uma obra instigante e original. Foi o que ocorreu no dia 1 de outubro de 2017, quando Edgar Franco comentou suas impressões sobre o filme *Mãe*, do cineasta norte-americano Darren Aronofsky. Mais do que uma apreciação apressada, do tipo “gostei” ou “não gostei”, Edgar Franco utilizasse da obra para fazer uma crítica de costumes.

Darren Aronofsky é um mestre, seu cinema torna-se cada vez mais pungente e intenso, e mesmo nas vezes que errou, ele fez bons filmes. *MÃE!*, em minha modesta opinião, é sua obra prima, e muito do que vi no filme, da forte metáfora que cria, eu tenho dito em minhas obras, mais especificamente no álbum mais recente de minha banda Posthuman Tantra, chamado “Lúcifer Transgênico”. *MÃE!* é daquelas obras que avançam o conceito de cinema como entretenimento, e mesmo como arte, é cinema como transcendência. Chega a ser assustador e irônico assisti-lo em um shopping center com dezenas de pessoas com seus COMBOS de pipocas e brindes tranqueiras nas mãos, e sendo obrigado a assistir a horripilantes propagandas de bancos e automóveis antes do filme. Um prelúdio perfeito para o impacto da narrativa que se segue. Arrisco dizer que Aronofsky é conhecedor de teosofia e hermetismo, mas é só um palpite, a narrativa que ele escreveu e dirigiu é um complexo e nada ordinário jardim de arquétipos e símbolos. (Ciberpajé)

Essa crítica dialoga perfeitamente com o “Aforismo do Ciberpajé” publicado no dia 2 de outubro de 2017, onde apregoa que



A loucura legítima é romper com um sistema em decomposição. Não essa pseudo-loucura pasteurizada, embalada em plástico bolha, loucura de shopping center, loucura de rebanho, de fachada. Desde quando robôs de carne alienados são loucos? Desde quando o mercado de nicho cria identidades controversas? Loucos de "cauda longa" tão enquadrados quanto famílias de propaganda de margarina. (Ciberpajé)

A frase “famílias de propaganda de margarina” denuncia o comércio desregrado que gera imagens que não condizem com a realidade dos produtos que vende, constituindo-se em legítimas propagandas enganosas. As “famílias de propaganda de margarina” jamais são as mesmas atrás das câmeras, pois sabemos que “quanto mais chegadas são as pessoas, menos sociáveis, mais dolorosas, mais fratricidas serão suas relações” (Sennett, 2014. p. 484). Nesse contexto, interessante notar que no dia 8 de outubro, como pode ser visto na Imagem 7, Edgar Franco postou uma foto onde atua, em suas palavras, como “garoto propaganda”. Lembremos que

as comunicações on-line têm, sobretudo, uma função fática, gerencial ou mercantil, quando não se caracterizam por sua superposição. As funções adicionais, como formação cognitiva, articulação política e desenvolvimento da criatividade, são extraordinárias, não só pela resistência do meio à sua prática, quanto pelo contexto em que ele surge e se movimenta (Rüdiger, 2008. p. 20).

Imagem 7: Foto postada dia 8 de outubro de 2017



Fonte:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10155598553171427&set=a.214581541426.175571.550131426&type=3&theater> acesso 12 de outubro de 2017

A imagem recebeu a seguinte legenda: “Ciberpajé garoto propaganda de HQforismo no pingente produzido pela IV Sacerdotisa Danielle Barros! Saiba mais e obtenha o seu no link: <http://ciberpaje.blogspot.com.br/2017/02/lancamento-hqforismo-no-pingente-serie.html>”

Os pingentes contêm mensagens de autoria do Ciberpajé. Importante perceber que a pose escolhida para ilustrar a propaganda não é pasteurizada ou neutra. Pelo contrário, fortalece o caráter desafiador da persona do Ciberpajé. Ele se assume como garoto propaganda dos pingentes feitos pela artista e pesquisadora Danielle Barros, mas sem jamais se enquadrar como um típico “margarina boy”. Ao contrário, recusa-se a olhar para a câmera e estende a mão repleta de anéis pontiagudos e ameaçadores na direção do potencial consumidor, como quem diz: “compre, mas compre porque assim o deseja, não é um produto que vai lhe dar felicidade artificial, mas dolorosamente lhe obrigará a refletir sobre a vida”.

Essa é também o caráter geral do perfil no Facebook do Ciberpajé. Mesmo quando vira o rosto, ele olha para quem o visita. Como afirma o teórico da arte Didi-Huberman, “o que vemos só vale – só vive – em nossos olhos pelo que nos olha. Inelutável porém é a cisão que separa dentro de nós o que vemos daquilo que nos olha” (Didi-Huberman, 2010. p. 29). Olhar para o perfil de Edgar Franco é como olhar para o abismo. Pode ser feito com coragem, pode ser feito com espírito de deboche, pode ser feito com admiração, pode ser feito com senso de crítica estética, pode ser feito de inúmeras maneiras. O real problema é quando o abismo olha de volta.

## REFERÊNCIAS

ARTISTA está presente, A (Marina Abramovic, The Artist is Present, 2012). Direção: Matthew Akers. Elenco: Marina Abramovic. Documentário. Colorido. Som. 96 minutos.

- BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e simulações*. Lisboa: Relógio D'água, s/d.
- BAUDRILLARD, Jean. *Tela Total: mito-ironias do virtual e da imagem*. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- BAUMAN, Zygmunt. *44 cartas do mundo líquido moderno*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- CARVALHO, Nadja. *Edgar Franco e suas criaturas no Banquete de Platão*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2012.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. São Paulo: Editora 34, 2010
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Diante da Imagem*. São Paulo: Editora 34, 2013
- FRANCO, Edgar. *Quadrinhos Expandidos: das HQtrônicas aos plug-ins de neocortex*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2017.
- GATES, Bill. *A Estrada do Futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- LÉVY, Pierre. *A Inteligência Coletiva*. São Paulo: Folha de São Paulo, 2015.
- RÜDIGER, Francisco. *Cibercultura e pós-humanismo*. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2008
- SANTOS NETO, Elydio dos. *Os quadrinhos poéticos-filosóficos de Edgar Franco*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2012.
- SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. Rio de Janeiro: Record, 2014